

AS RELAÇÕES DE PODER E O PADRÃO DE BELEZA NA CONTEMPORANEIDADE.

Thayza Alves Matos
thayzaa.matos@gmail.com

Naomi Magalhães Maubrigades
maubri84@hotmail.com

RESUMO: Este projeto teve como objetivo a reflexão junto aos alunos da 2ª Série do Colégio Estadual Hugo Lobo – Formosa-Goiás, a respeito do padrão de beleza estabelecido no ocidente, no qual podemos observar uma hegemonia branca, magra, de olhos e cabelos claros. Dentro deste universo do que é belo, logicamente há espaço para outras belezas, mas em um plano do exótico, do alternativo. Ao observarmos o mundo da moda, vemos a raridade de modelos negras ou de etnias latino-asiática. Ao organizar e contextualizar esta discussão com os alunos será requerido à leitura de alguns autores como F. Fanon, Z. Bauman, N. Gomes, J. Carvalho entre outros autores que pensem esta temática. Dentro desta perspectiva, a proposta foi levar os alunos a uma reflexão didática ao questionar “Porque para ser belo, deve-se ser de modo ‘X’ e não ‘Y’”, pensando a partir da óptica da problemática racial, invocando para isso o conceito de identidade e História, tanto Afro-brasileira quanto mundial.

Palavras-chave: Beleza. Identidade. Raça.

Introdução

Dentro da nossa sociedade ocidental, completamente influenciada pela Europa e pelos Estados Unidos vivemos em uma ditadura da beleza branca, onde a cor negra ou morena e as características físicas imbuídas nessas não fazem parte do senso comum do que é belo. Conversando com os alunos do 2º Ano do Colégio Estadual Hugo Lobo, chegamos juntos a conclusão de que para ser belo (dentro do senso comum), a pessoa deva ter a pele clara, olhos claros, cabelo liso e loiro, ser alta, possuir nariz afinado e ser magra. Fora deste padrão temos belezas “exóticas”, em que a beleza é definida pelo Ocidente como algo claramente Oriental (no sentido de “outro”, um Oriente que abrange a América Latina, África e Ásia).

Mas para iniciarmos essa reflexão com os alunos, o debate iniciava-se com algo que eles já possuem familiaridade, tomando como base os conhecimentos que até então possuem. Para aprofundar essas ideias, introduzimos novos conceitos de teóricos renomados como

Franz Fanon, Zygmunt Bauman, Sandra Jatahy Pesavento, Tomaz Tadeu da Silva entre outros para compreender melhor o que seria “identidade”, “imaginário”, “preconceito”, “raça”, “etnia”, “história” e etc.

Algo que foi comum em todas as turmas que atendemos, é a sensação de naturalização de termos e conceitos construídos culturalmente, levantando assim um discurso com propriedade sobre algo que até então os alunos desconheciam. Ao discutimos a identidade da matriz negra em nosso país muitos alunos negavam a existência de tal. Ao problematizarmos esse conceito, usamos das palavras de Tomas Tadeu da Silva:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são "elementos" da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.¹

Introduzirmos e debatermos tais questões com os alunos, que levantaram diversas questões (como era esperado) que nos fizeram questionar mais uma vez o que era “belo”, já que pude observar nestes encontros o quanto isso incomodava os alunos. Pensar no que é definido como “belo” no mundo contemporâneo é pensar a definição através da mídia, do discurso político e das praticas que este carrega em si.

Quando observamos a história do concurso de Miss Brasil, vemos que raramente encontramos participantes negras ou morenas. No máximo, brancas com um leve bronzeado. Ao pensarmos que um concurso de âmbito nacional, que tem como discurso mostrar as mulheres mais bonitas do Brasil, nos deparamos com algo que não é cotidiano, algo com que as mulheres não se identificam, não se vê representadas. Mas esse advento não se limita ao Concurso de Miss Brasil, mas em diversas outras áreas em que a beleza é posta em xeque. Como proposta de dinâmica em sala, pedi para os alunos darem exemplos de belezas negras / morenas que lhes fossem comuns no dia-a-dia, sejam em revistas, novelas, filmes e etc. A resposta que obtivemos mostra que quase 90% das respostas diziam respeito a pessoas

¹ Silva, Tomaz Tadeu da. “Identidade e Diferença. A Perspectiva dos Estudos Culturais”. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. P.76.

brancas. Então debatemos a razão disto. Seria a mídia? Seria a falta de representação desta etnia no ambiente publico? Ou um preconceito velado?

Os alunos realmente se incomodaram com isso. Ao assistir alguns documentários como “White Doll, Black Doll”, produzido nos Estados Unidos na década de 1980, em que se apresentavam duas bonecas a crianças negras de 4 e 5 anos de idade e faziam questionamentos como “Qual é a mais bonita?”, “Qual dessas bonecas é boazinha”, “Qual é má?” e as respostas das crianças mostravam que elas achavam a boneca branca mais bonita e boazinha enquanto a boneca negra era má e feia. No fim do documentário perguntavam: “Qual dessas bonecas se parece com você?” e elas respondiam com hesitação e vergonha que a negra era a que mais se pareciam.

Algo semelhante aconteceu quando perguntamos quais eram os adjetivos típicos de uma pessoa considerada bonita. Muitos dos colegas se entre olharam e admitiram que infelizmente estavam fora deste padrão.

Na sociedade em que vivemos, o *corpo* ultrapassa o limite de “nossa propriedade” e passa por um filtro de propriedade pública. Ao encararmos o racismo, compreendemos que esse *corpo* na verdade são dois:

A primeira lição do corpo em sociedade é que em nenhum lugar do mundo, até hoje, o corpo biológico é o corpo social. O corpo sempre tem um sujeito, está inserido em alguma comunidade, grupo, etnia ou nação. O corpo sempre é marcado, em alguma medida, pelas convenções culturais daquele grupo humano. São as marcas inscritas no seu corpo que singularizam o grupo étnico a que o indivíduo pertence. E é justamente apoiado na singularidade de um grupo humano que cada indivíduo pode aprender a desenvolver e a expressar a sua própria individualidade. São essas marcas, impressas temporária ou definitivamente na nossa pele biológica (nossa primeira pele, digamos), que conformam a nossa segunda pele, a pele que nos faz seres humanos para os outros seres humanos.²

Ao refletirmos a respeito do *corpo*, podemos observar que a existência desses dois corpos, o social e o físico está extremamente entrelaçado, em uma lógica que em muitas vezes um influencia o outro. Vemos que os diversos grupos sociais, se organizam de forma a usar aspectos de identificação e diferenciação, de modo que se torne algo único, centrado em seu próprio universo. Ao trabalharmos com beleza, observamos esse mesmo tipo de dinâmica. Dentro da categoria beleza e do que seja considerado belo, depende de onde se está falando e

² CARVALHO, José Jorge. “Racismo Fenotípico e Estéticas da Segunda Pele”. Página 6.

para quem. No “mundo da moda” formal e previamente estabelecido, não há espaço para uma beleza diferente da caucasiana.

No documentário “The Color of Beauty” dirigido e escrito por Elizabeth St. Philip mostra-se a tentativa de Renee Thompson, uma modelo negra em participar do Desfile do New York Fashion Week (NYFW)– Fall de 2010. Este universo da moda oficial já é feroz, mas com modelos negras é simplesmente desleal. Não espaço para modelos negras, nem nos desfiles, muito menos nas revistas. O documentário mostra que a situação ficou tão crítica que em nenhum dos desfiles do NYFW de 2008, houve a presença de modelos negras. As críticas logo apareceram e para apaziguar a situação a revista VOGUE³ lançou uma edição especial, “Black Issues”, somente com modelos negras. Essa edição foi tanto um sucesso quanto um fracasso. Um sucesso na perspectiva em que o problema das críticas foi abafado. Um fracasso do ponto de vista do problema em si, já que as críticas foram abafadas, logo se esqueceu do problema e este perdeu seu espaço na mídia.

Um agente de modelos ainda neste mesmo documentário trata de especificar o que as grandes *grifes* querem das modelos negras: *A White girl dipped in chocolate* (Uma garota branca mergulhada em chocolate). O preconceito é latente. Aqui no Brasil, houve a tentativa do Ministério da Cultura em impor um número mínimo de modelos negras nos desfiles no Brasil. Mas infelizmente essa iniciativa ficou mais como uma recomendação (que até agora foi ignorada).

Junto dos alunos percebemos que essa dinâmica também é recorrente nas escolas. O preconceito tanto racial quanto de outros tipos são comuns a esses *corpos* desde as séries iniciais. Em *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?* Nilma L. Gomes nos trás um estudo mostrando como se dá a relação do negro com seu cabelo crespo desde o âmbito familiar e também como se dá a relação deste *corpo* com a escola. Os estereótipos que permeiam a vivência dos alunos desde o começo de sua vida escolar marca sua perspectiva de seu próprio *corpo* e a relação com este.

Em uma dinâmica com os alunos, perguntamos quantas das meninas já tinham feito as típicas trancinhas “africanas” em seus cabelos. Muitas responderam que já, mas somente na infância. Depois perguntamos quantas delas não gastavam horas para alisar e escovar seus cabelos. Elas responderam sem preocupação que gastavam em média de 1 à 2 horas para

³ Uma das revistas de moda de maior peso neste cenário.

fazerem isso. Perguntamos o porquê deste alisamento. “É mais bonito!” ou “É mais fácil” foram as respostas que obtivemos. Por último perguntamos por que elas achavam que cabelos lisos eram mais bonitos ou mais fáceis. Muitos dessas respostas correspondem com os estudos realizados por Nilma L. Gomes. Com isso podemos observar que não é um fenômeno local a relação que meninas assumem com seus *corpos* físicos e sociais.

O importante de todas essas experiências através dos encontros semanais realizados com os alunos é perceber as mudanças neles e em nós, bolsistas, em relação ao racismo, e a tantos outros preconceitos que perpassam nosso cotidiano. O discurso de que em nosso país não existe racismo é algo que parte de uma determinada vivência e que não podemos assumir como sendo verdadeira. A realidade de quem é realmente negro / não branco infelizmente é outra. E é diferente em razão de sua cor. Por sofre obstáculos, piadas, olhares e assédio não importando sua idade ou condição social.

A discussão a respeito do preconceito racial está em voga nos últimos tempos graças às políticas de cotas nas universidades. Esse foi outro tema abordado nos encontros.

No início dos encontros questionamos os alunos o que eles pensavam a respeito do sistema de cotas na universidade. A maior parte dos alunos eram contra, usando como argumento que a maior dificuldade hoje não é ser negro e sim ser pobre. O problema não era racial, mas sócio-financeiro. Após trabalhar diversas temáticas como identidade, preconceito, a razão histórica do racismo, nós mostramos a eles o vídeo *Essa conversa não é sobre você* dirigido por Jr. Borges. Após o vídeo questionamos como eles se sentiam a respeito disso. A opinião de muitos mudou depois de assistir o vídeo, mas alguns ainda insistiam de que esse tipo de abordagem ao problema reafirmava o preconceito. É um debate que ainda está em aberto com os alunos, e tentamos a cada encontro ampliar os conhecimentos destes alunos para que possam consolidar seus argumentos, de maneira crítica e racional, quebrando paradigmas e preconceitos.

O PIBID vem sendo uma oportunidade ímpar de aproximar o conhecimento científico produzido na universidade e tantas vezes inacessível a esses alunos de escola pública levando até estes uma nova visão do que é a História, por que e por quem é feita, possibilitando que estes se tornem sujeitos críticos com consciência histórica de que eles são membros participantes destas construções sociais e possíveis reprodutores ou quebradores de preconceitos e estereótipos, só dependendo deles mesmos.

Agradecimentos

Agradeço ao fomento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES, pela bolsa. Agradeço também a Universidade Estadual de Goiás – UnU Formosa por todo aparato e apoio. Agradeço ao Colégio Estadual Hugo Lôbo pela oportunidade de desenvolver esta atividade junto aos seus alunos. Ao professor George Augusto e Álvaro Regiani por todas as orientações e suporte.

Referências:

CARVALHO, José Jorge. *Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele*. Encontrado em: http://twileshare.com/uploads/racismo_fenot%C3%ADpico.pdf

FANON, Franz. *Pele Negra, Mascaras Brancas*. Edufba. 2008.

GOMES, Nilma Lino, *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2002.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?* Encontrado em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira, *O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. , (2000). Diário de campo, 1985.

MARTINS, José de Souza, *A dialética do corpo no imaginário popular*. Sexta-feira, antropologia, artes, humanidades. São Paulo, Editora Pletora, n. 4, p. 46-54, 1999.

NOVAES, Joana V. VILHENA, Junia de. *De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura*. Encontrado em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-29072003000100002&script=sci_arttext

QUEIROZ, Renato da Silva, (org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: SENAC, 2000.

QUEIROZ, Renato da Silva, OTTA, Emma, *A beleza em foco: condicionantes culturais e psicológicos na definição da estética corporal*. In: QUEIROZ, Renato da Silva, (org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: SENAC. p. 13-66, 2000.

RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

Universidade Estadual de Goiás
Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação
Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)
6 e 7 de junho de 2013

SANTOS, Jocélio Teles dos. *O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos*. Encontrado em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3034/1/Estudos%20Afro-Asi%C3%A1ticos%20-%20Im...pdf>
<http://jezebel.com/5031485/the-all-black-issue-of-italian-vogue-both-a-success-and-a-failure>